

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ

JOANA MUSSE MONTEIRO FERRI

A SOCIEDADE MEXICA E O MILHO

Ribeirão Preto

2021

JOANA MUSSE MONTEIRO FERRI

A SOCIEDADE MEXICA E O MILHO

Trabalho de conclusão de curso de História do
Centro Universitário Barão de Mauá para
obtenção do título de licenciatura.

Orientador: Dra. Nainora Maria Barbosa de
Freitas

Ribeirão Preto

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

F448s

Ferri, Joana Musse Monteiro

A sociedade mexicana e o milho/ Joana Musse Monteiro Ferri - Ribeirão Preto, 2021.

40p.il

Trabalho de conclusão do curso de História do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Dra. Nainôra Maria Barbosa de Freitas

1. Milho 2. Mexica 3. Cosmovisão I. Freitas, Nainôra Maria Barbosa de II. Título

CDU 94(72):633.15

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB⁸ 9878

JOANA MUSSE MONTEIRO FERRI

A SOCIEDADE MEXICA E O MILHO

Trabalho de conclusão de curso de História do
Centro Universitário Barão de Mauá para
obtenção do título de licenciatura.

Data da aprovação: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Dra. Nainôra Maria Barbosa de Freitas (Orientador).
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dr. Felipe Ziotti Narita
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Me. Antônio Aparecido de Souza
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Ribeirão Preto

2021

Dedico este trabalho à minha avó Norma.

AGRADECIMENTO

Eu agradeço primeiramente aos meus pais que sempre me apoiaram nesta caminhada e que nunca me deixaram desistir, também aos meus avós Kim e Norma, que mesmo de longe estão sempre comigo.

Agradeço à minha orientadora professora Dra. Nainôra Maria Barbosa de Freitas que fez com que este trabalho fosse possível e que sempre esteve do meu lado nessa caminhada.

Agradeço também a todos os professores do curso e da instituição que serviram de inspiração e principalmente aos meus queridos amigos e companheiros que fiz nessa jornada.

“En estos días es necesario volver a la milpa, a nuestra madre en cuyo regazo encontramos el grano de oro que los dioses nos dieron para formar nuestras carnes y almas, el grano que nos hizo hablar”

(Natalia Toledo)

RESUMO

O milho, um dos mais importantes grãos do mundo, alimentou diferentes grupos mesoamericanos desde a época pré-colombiana até os dias de hoje. Este trabalho é relevante para entender a relação que essa planta possui com a ancestralidade dos povos indígenas e que ainda tem papel fundamental atualmente. Tendo o milho como protagonista tanto na alimentação em si quanto inserido com elementos da cosmovisão, discutiremos desde sua origem como planta até sua simbologia inserida ao cotidiano dos povos ameríndios, principalmente dos mexicas. O milho foi representado em deuses, em todo processo de nascimento-vida-morte do ser humano, na colheita, nas guerras, sem contar que, junto com o feijão e a abóbora, constituiu a principal refeição da Mesoamérica. Hoje, no México, encontram-se dezenas de pratos à base de milho e segue sendo ainda um dos principais elementos da culinária. Através do sistema de milpa os povos pré-hispânicos alcançaram domesticar e diversificar a planta que, séculos mais tarde, já estaria conhecida em todo o mundo.

Palavras-chave: Milho. Indígenas. Cosmovisão.

ABSTRACT

Corn, one of the most important grains in the world, has fed different Mesoamerican groups from pre-Columbian times to the present day. This work is relevant to understand the relationship that this plant has with the ancestry of indigenous peoples and which still plays a fundamental role today. Having corn as the protagonist both in the food itself and inserted with elements of the cosmovision, we will discuss from its origin as a plant to its symbology inserted in the daily life of Amerindian peoples, mainly the Mexicas. Corn was represented in gods, in every human birth-life-death process, in harvest, in wars, not to mention that, together with beans and pumpkin, it constituted the main meal of Mesoamerica. Today, in Mexico, there are dozens of dishes based on corn and it is still one of the main elements of cuisine. Through the milpa system, pre-hispanic peoples managed to domesticate and diversify the plant that, centuries later, would already be known throughout the world.

Keywords: Corn. Indigenous. Cosmovision.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Evolução do milho atual a partir de milhos primitivos: tunicado, palomero e do tripsacum 16**
- Figura 2- Evolução do milho a partir do teosinto 17**

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Centro de cultivo e domesticação de plantas	28
---	-----------

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Teorias evolutivas e ancestralidade do milho.....	12
1.2	Lugar de origem e domesticação do milho.....	16
2	COSMOVISÃO MESOAMERICANA ACERCA DO MILHO.....	20
3	ALGUNS POVOS QUE ANTECEDERAM OS MEXICAS.....	26
3.1	Aztlán e história do povo mexica	28
3.2	Ancestralidade do milho e suas permanências como patrimônio	34
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho percorreremos o caminho de alguns povos mesoamericanos até o que seria a última sociedade autóctone da região: os Mexicas.

Entende-se por Mesoamérica os habitantes do que hoje compreende os países entre o México e o Panamá; no entanto, optamos pelos Mexicas que habitavam parte da região.

No que hoje compreendemos como México, foram encontrados vestígios de vida humana há mais de 10.000 a.C.: povos caçadores nômades que viviam em cavernas. Com o desenvolvimento destes, ao longo de todo o processo não podemos deixar de notar a presença de um alimento que é comum e igualmente importante a todas as sociedades: o milho.

Sempre com o olhar atento às relações que possuíam com o alimento principal estudado nessa pesquisa com o intuito de, finalmente, discorrer a respeito de como o milho é sumamente importante para o México, dado o histórico com seus antepassados nativos e como vários aspectos dessa cultura pré-colombiana ainda permeia a vida atualmente.

Para este trabalho seguiremos uma linha de pesquisa bibliográfica e documental, utilizando fontes como livros, códices e artigos referentes ao milho e ao modo de vida povos mesoamericanos.

Algumas das fontes mais relevantes que usaremos neste trabalho serão os livros “A Civilização Asteca”, de Jacques Soustelle e “A Conquista da América Latina Vista Pelos Índios”, de Miguel León de Portilla; relatos contidos no Códice Florentino, a obra de Frei Bernardino de Sagahún; as crônicas escritas por Bernal Dias del Castillo e vários artigos acadêmicos de estudiosos mexicanos como, por exemplo, de artigos publicados pelo Instituto Nacional de Antropologia e História no México, tratando desde questões sobre a evolução do milho quanto pautas culturais e históricas.

Sendo assim, no primeiro capítulo refletimos a origem do milho e o início de seu manuseio e domesticação pelos nativos mesoamericanos através de artigos acadêmicos. Serão apresentadas as teorias mais relevantes a respeito de sua evolução e o desenrolar desta discussão.

Para o segundo capítulo apresentamos a importância que as populações nativas atribuíam ao milho, tanto se tratando da alimentação, como- principalmente- da cosmovisão à que era atribuído. Embasando-se em livros, artigos e também fotos de artefatos e pinturas que mostram sua onipresença nessas comunidades, serão mostrados alguns deuses, mitos e o

caráter sobrenatural que lhe era atribuído. Por cosmovisão compreendemos o olhar mítico que estas populações possuíam a respeito de seu cotidiano relacionado aos deuses e aos mitos.

No terceiro capítulo começaremos com um panorama desde a época em que os nativos mesoamericanos ainda eram nômades e caçadores até os grandes e organizados centros urbanos que formaram tempos depois com o auxílio da agricultura que permitiu que os mesmos se fixassem. Depois enfocaremos na sociedade Mexica desde que vieram da mítica Aztlán, até o grande Império que se tornariam no vale do México. Finalmente pretende-se, através deste estudo, questionar se realmente houve permanências relacionadas ao milho no que diz respeito ao plantio e uso desde época pré-hispânicas até os dias de hoje, como um patrimônio. As razões do porquê do modo de vida mexicano que envolve o sistema de produção do milho aliado às receitas foram consideradas patrimônio cultural.

O milho enquanto à forma que a natureza oferece foi transformado nos diferentes modos de fazer ao longo destes séculos, e isso pode ser visto na diversidade das cozinhas regionais mexicanas.

1.1 Teorias evolutivas e ancestralidade do milho

Através da “milpa”, denominada segundo o site do Governo do México¹ como um sistema agrícola milenar e tradicional caracterizado pelo poli cultivo, onde as plantas como milho, feijão e abóbora (conhecida como a Tríade Mesoamericana) entre outras que crescem de maneira natural são aproveitadas, o milho foi e continua sendo parte fundamental para as culturas mesoamericanas e seu lugar de origem assim como sua evolução, após décadas de estudos e debates ainda é um tema controverso. O milho foi uma das inúmeras plantas domesticadas na Mesoamérica, entre elas a abóbora, o chile, a leucena e o abacate.

Depois das primeiras referências botânicas obtidas por Francisco Hernández, médico, botânico e primeiro informante da planta até 1570, e da primeira difusão do milho na Europa até o século XVI, os estudos sobre o milho e o teosinto² continuaram até séculos mais tarde. (SERRATOS, 2009).

José Antônio Hernandez Serratos (2009), investigador e acadêmico da Universidade Autônoma do México, em sua obra “El origen y diversidad del maíz en el continente Americano”, afirma que o milho não havia sofrido grandes transformações

¹ <https://www.gob.mx/agricultura/articulos/milpa-el-corazon-de-la-agricultura-mexicana?idiom=es>

² Planta (*Zea mays*) da família das gramíneas, nativa do México e da América Central, cespitosa, de folhas largas, cultivada por fornecer excelente forragem e pelas sementes comestíveis, altamente nutritivas. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/teosinto/>

relevantes até o século XX, até o momento em que o teosinto (classificado na metade do século XIX através de estudos taxonômicos realizados por Schrader como *Euchlaena mexicana*) foi integrado ao mesmo gênero do milho: o *Zea*.

De acordo com Beadle (1978 *apud* SERRATO, 2009) a questão do teosinto como ancestral do milho foi apontada em 1875 pelo botânico e etnógrafo alemão Paul Ascherson, ou seja, ele já considerava que *Euchlaena* era, na realidade, do gênero *Zea*, mas para ele era uma questão muito complicada explicar “como uma simples espiga de teosinto pode dar origem e evoluir para a monstruosa espiga de milho, mesmo com a poderosa influência da seleção humana.” (BEADLE, 1978 *apud* SERRATOS, 2009, p.5).

Segundo pesquisas, por não possuir folhas ao redor que segurasse os grãos, o milho primitivo selvagem tinha sua dispersão facilitada, ao contrário do milho que se domesticou, cujos grãos ficam presos dentro das grandes folhas verdes e que, por isso, necessita da intervenção humana (BRAUDEL, 2005).

No começo do século XX, antes das primeiras escavações arqueológicas relacionadas ao milho, deram início aos estudos da genética celular tanto do milho como do teosinto. Estes estudos acerca da citogenética e também as análises morfológicas deram indícios da origem do milho ao permitir a reprodução de séries morfológicas que sugeriam um caminho possível da evolução do teosinto até o milho. Com esses dados disponíveis, deu a alguns investigadores como Beadle, um dos principais defensores do teosinto como o antepassado do milho, bases para propor alguns dos possíveis passos evolutivos dessas duas espécies (BEADLE, 1939 *apud* SERRATOS, 2009, p. 5-6).

Ainda assim, apesar dos avanços obtidos através de tais pesquisas, para muitos investigadores a falta de registros fósseis e a evidente diferença entre as plantas seguiam sendo fatores que impediam uma explicação de fato satisfatória da origem do milho a partir do teosinto.

Na década de 1930, na chamada teoria tripartite, Paul Mangelsdorf e R. Reeves propuseram uma das hipóteses mais influentes sobre a origem do milho, e que descartava totalmente o teosinto como seu ancestral (MANGELSDORF; REEVES, 1938 *apud* SERRATOS, 2009, p.6).

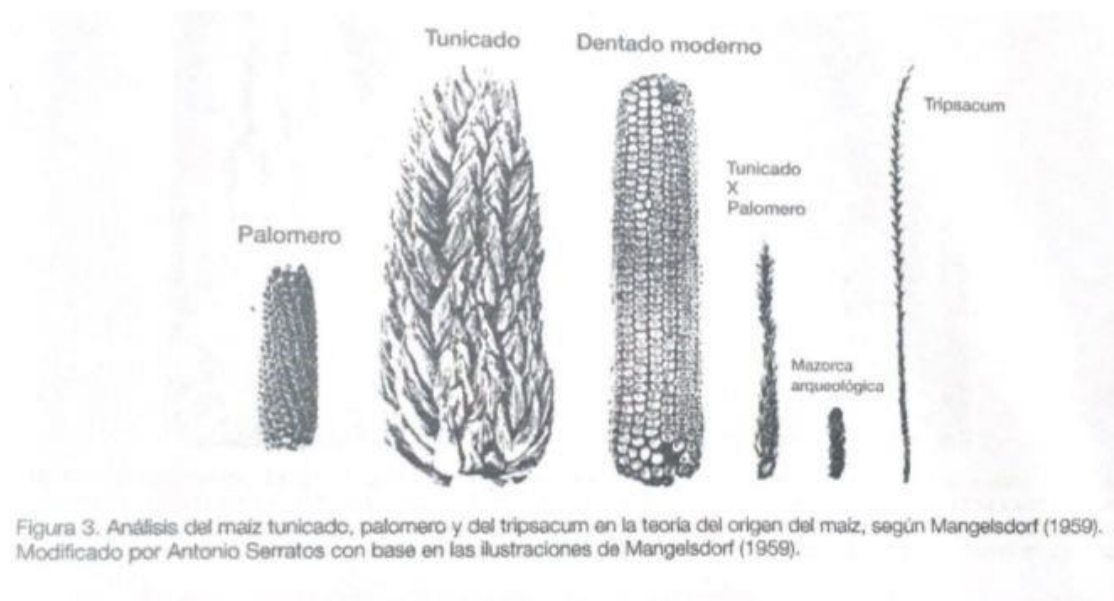
De acordo com estudos de Mangelsdorf realizados anos mais tarde na análise morfológica de restos de milho encontrados na Caverna do Morcego (Bat Cave, Novo México, EUA), comparados com milhos mais recentes com características primitivas (tunicado e palomero) e seus parentes silvestres: o teosinto e o tripsacum, ele estabelece que o que deu origem ao milho foi um híbrido de uma espécie de tripsacum com um milho silvestre do tipo tunicado já extinto.” (SERRATOS, 2009, p.6, tradução pessoal).

“Ou seja, a mistura direta do *Tripsacum* ou a introgressão do germoplasma de *Tripsacum* via teosinto ao milho deu origem a grande parte dos tipos modernos que existem hoje na América.” (KATO, 2009, p.44). Tradução pessoal

Nos anos 1970 com o descobrimento do teosinto perenne, Mangelsdorf modifica sua teoria e propõe que o milho teve origem a partir de um cruzamento entre o teosinto perenne com um antigo milho tunicado-palomero. A teoria da origem do milho a partir de um milho silvestre, atualmente extinto, teve distintas versões por várias décadas. Paralela a esta teoria, a hipótese oposta do teosinto como o antepassado do milho seguiu presente (SERRATOS, 2009).

A imagem abaixo mostra ilustrações que facilitam a compreensão desta teoria de Mangelsdorf a partir de cada planta.

Figura 1 – Evolução do milho atual a partir de milhos primitivos: tunicado, palomero e do tripsacum.



Fonte: <http://www.greenpeace.org/mexico/global/mexico/report/2009/3/el-origen-yla-diversidad-del.pdf>, 2009.

Algumas das objeções que se opõe a esta teoria é o fato de que um milho com essas características não seria capaz de sobreviver na natureza. Uma das falhas da teoria tripartite - e que inclusive foi rejeitada por um de seus autores anos mais tarde (MANGELSDORF, 1974 *apud* KATO, 2009, p.45) - reside na afirmação de que o teosinto foi originado da mistura entre um milho silvestre sem nós cromossômicos, com o *Tripsacum* que possui muito deles. “Os híbridos de milho-*Tripsacum* conhecidos foram obtidos

artificialmente e apenas com o auxílio de técnicas especiais que fazem com que a ocorrência natural dessa hibridização seja improvável.” (KATO, 2009, p.45).

Quem deu bases para a hipótese da evolução do milho a partir do teosinto juntamente com a intervenção humana em sua domesticação foi George Beadle (1980 apud SERRATOS, 2009), quem desde 1939 realizava estudos na área.

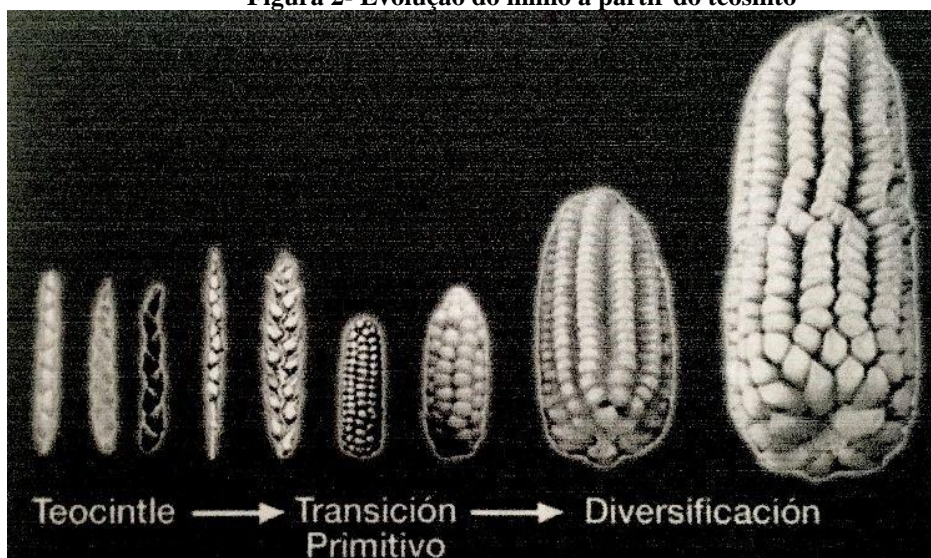
Nas décadas de 1970 e 1980 foram elaboradas e publicadas as evidências que o autor recolhera até então.

Apesar das diferenças morfológicas, o milho e o teosinto possuem ambos origem fértil e se cruzam de forma natural no campo além de que, segundo Beadle, o entrecruzamento dos cromossomas dos híbridos é normal, razão pela qual se deduziu que existe uma relação muito próxima entre ambos progenitores. Também, afirma-se que o teosinto é o antepassado do milho pela sua capacidade de sobreviver de forma silvestre (não necessitando da intervenção humana). Com essas evidências Beadle fundamentou o estudo da origem do milho a partir do teosinto, as quais tem se embasado não apenas seus alunos como os principais centros de investigação a respeito do tema no Estados Unidos e América Latina (BEADLE, 1980 apud SERRATOS, 2009, p.7).

Outros estudos desde a citogenética realizados por Ángel Kato, em 1976, permitiram identificar a variação e características de cada espécie, fato este que determinou que o teosinto era o ancestral do milho. Tal investigação sustentava a ideia da evolução progressiva do teosinto até o milho. (SERRATOS, 2009, p.7).

A imagem abaixo ilustra como seria a possível evolução de seu ancestral, teosinto, até na grande espiga de milho atual.

Figura 2- Evolução do milho a partir do teosinto



Fonte: <http://www.greenpeace.org/mexico/global/mexico/report/2009/3/el-origen-yla-diversidad-del.pdf>, 2009.

Já nos anos 1990 parece haver um consenso entre a comunidade científica sobre a supremacia da teoria do teosinto, no entanto, vez ou outra ressurgiam investigações a respeito do suposto milho silvestre extinto. Essa foi uma época de grande avanço das novas técnicas da biologia molecular, o que levaria a um estudo mais aprofundado sobre sua origem, em uma escala evolutiva de milhões de anos. Esses estudos tem contribuído para explicar a evolução de características importantes do milho e seus parentes silvestres e desde o final do século XX e início do século XXI vem sido consolidado os estudos sobre a origem do milho com a ajuda da biologia molecular; a determinação da estrutura e a origem da estrutura genômica (o conjunto dos genes) que se alcançam com tais pesquisas tem sido um fator imprescindível para entender sua evolução (SERRATOS, 2009).

1.2 Lugar de origem e domesticação do milho

Define-se como “centro de origem” de plantas cultivadas a uma zona geográfica onde se encontra o máximo de diversidade do cultivo, na qual coexistem ou coexistiram seus parentes silvestres.

De acordo com Serratos (2009) quem consolidou esse conceito foi o geneticista russo do século XX, Nicolai Vavilov. É graças a seus estudos que se conhecem e exploram as oito grandes regiões do mundo nas quais tiveram origem as plantas cultivadas. Por “centro de origem” entendemos que se trata de áreas geográficas em que determinadas plantas seguem sendo cultivadas, são associadas a grandes extensões de territórios e quando os focos primários da origem dos cultivos se encontram nas regiões montanhosas (SERRATOS, 2009).

Segundo Serratos, a origem do milho e cerca de 49 outras espécies se localiza desde o centro-sul do México até a metade do território da América Central. Desde suas primeiras explorações no México, para ele ficou evidente que *Euchlaena*, gênero que se classificou o teosinto, era o parente silvestre mais próximo do milho (SERRATOS, 2009).

Com a ajuda dos avanços tecnológicos da biologia molecular pode-se conhecer a escala evolutiva do milho na época cujas estruturas genômicas de organismos de plantas ancestrais às famílias nas quais pertencem não só o milho e o teosinto como outros tipos de vegetais tiveram suas bases formadas.

Também tem apresentado sobre certos mecanismos genéticos que poderiam estar envolvidos na transformação específica do teosinto ao milho cerca de sete a nove mil anos, data na qual supõe-se que tenha acontecido a domesticação (AUSTIN, 1990).

Embora pesquisas sobre o centro de origem e domesticação tenham contribuído grandemente com informações cruciais, ainda carecem dados a respeito de aspectos básicos de como e onde desenvolveu esta planta. Em décadas de discussão, hipóteses antagônicas, similares e mudanças nas ideias sobre o tema o único consenso que a comunidade científica chegou foi que de fato o teosinto é o ancestral do milho (SERRATOS, 2009).

As escassas explorações paleontológicas e arqueológicas voltadas para o estudo do milho na América tem dificultado a afirmação plena de qualquer teoria que seja.

Saber qual foi o mecanismo de domesticação é a chave para localizar o centro de origem. Dado que não se pode separar os agricultores das diferentes culturas americanas do processo de domesticação, e principalmente, da diversificação do milho tanto em épocas pré-hispânicas como atualmente, desde o surgimento das discussões acerca do tema foi proposto que os mecanismos empregados para domesticar estão intimamente ligados à agricultura e ao trabalho humano (SERRATOS, 2009).

Resquícios de pólen foram encontrados em escavações arqueológicas, próximo à Cidade do México, há mais de cinquenta metros de profundidade, o que leva a concluir que esta planta, mesmo em modo selvagem e primitivo, existe na região há milhares de anos (BRAUDEL, 2005).

Conforme Serratos (2009, p.12) “Os estudos sobre a domesticação do milho tem gerado teorias antagônicas com relação ao centro de origem: a unicêntrica e a multicêntrica”.

Se tratando da unicêntrica, os defensores de dita teoria concluíram que todo milho que conhecemos hoje teve surgimento num evento único de domesticação no sul do México há nove mil anos. Foram identificados dois tipos de teosinto, sendo um o único progenitor do milho e o outro como o contribuinte para a sua diversificação. Pelo fato de ambos se encontrarem em uma limitada área que compreende a região do Balsas e no altiplano do centro-sul do México, os que seguíam essa linha de pesquisa deduziram que poderia restringir a área geográfica que foi o berço do milho (MATSUOKA et al., 2001 apud SERRATOS, 2009, p.12).

De acordo com o que Matsuoka e seu grupo de estudos (como Goodman, Doebley, entre outros) afirmam, segundo os resultados de suas análises, as populações de teosinto não mudaram desde a época da domesticação do milho até o presente, tanto em termos genéticos, quanto em sua distribuição geográfica, isso significa que apenas o milho experimentou mudanças evolutivas (MATSUOKA et al., 2002 apud KATO, 2009, p.60).

Algumas das objeções à estas conclusões sobre a teoria unicêntrica é que justamente as duas espécies de milho e teosinto tiveram que adaptar-se com o passar do tempo desde que ocorreu o processo que deu origem ao milho (KATO, 2009).

Não se conhece quase nada sobre a intensidade com que o homem modificou o ambiente em que vivia durante a época pré-colombiana para afirmar se foi possível uma alteração na quantidade e distribuição do teosinto (HOLST *et al.*, 2007 *apud* KATO, 2009, p. 60).

Na teoria multicêntrica é proposto que a origem e domesticação do milho não ocorreu apenas em um local e tempo, mas que também pode ter ocorrido em vários lugares e tempos, de tal forma que uma diferença de setecentos anos não é um problema se estamos tratando de um período que compreende milhares de anos nesse processo. Por outro lado, também é possível que uma vez a prática da agricultura estabelecida, houvesse um intercâmbio entre diferentes locais de domesticação do milho (KATO, 2009).

Estudos morfológicos comparativos do milho, teosinto e híbrido de milho-teosinto dão suporte à teoria da domesticação multicêntrica.

A teoria multicêntrica da origem do milho provavelmente é a única que parece explicar adequadamente como se deu a evolução da sua grande variedade racial e sua distribuição geográfica existente no México (MCCLINTOCK, 1978; MCCLINTOCK *et al.*, 1981, KATO, 1984 *apud* KATO, 2009, p. 67).

Conforme afirma Kato (1984 *apud* SERRATOS 2009, p.10) conclui que a origem do milho é fruto de várias populações de teosinto e, por isso, existem pelo menos quatro centros de origem e domesticação do milho que se estende ao longo do México até a Guatemala.

Ainda não é possível afirmar a supremacia de alguma das teorias da localização do centro ou centros de origem e domesticação, porque este cenário ainda carece de registros fósseis e arqueológicos suficientes. Ficam por resolver perguntas cruciais no que diz respeito ao processo de domesticação e da definição uni ou multicêntrica da origem e diversidade do milho.

Apesar de toda esta discussão ampla a respeito do teosinto e do milho, outras ciências como arqueologia, biologia, precisam avançar nas pesquisas para também contribuir com a história do milho. O fato é que algumas das teorias identificadas acima são consideradas de relevância para o entendimento deste grão tão importante não apenas para a Mesoamérica como para o mundo de maneira geral.

Falado a respeito da origem do milho e sua distribuição, entraremos no próximo capítulo no mundo religioso e mítico no qual essa planta não só faz parte como é um dos principais elementos cosmogônicos.

2 COSMOVISÃO MESOAMERICANA ACERCA DO MILHO

Sempre presente no cotidiano dos povos pré-colombianos, o milho não só serviu de sustento, mas também como elemento sagrado e intrínseco nos ritos e mitos desses povos.

O milho é o grão identitário e multifacetário da Mesoamérica e além de ser a base da alimentação desta região também tem cunho espiritual, econômico e político (RÚBIO, 2017).

Por meio da intervenção de indígenas que habitavam essa região, através de um processo evolutivo conjunto, ele segue sendo uma das plantas cultivadas com maior diversidade genética. O cultivo desse cereal deu suporte para as bases das civilizações que floresceram na Mesoamérica (NUÑEZ, 2013).

Segundo (BRAUDEL, 2005), o milho, visto como uma planta miraculosa, se “auto cultivava”; em terrenos áridos os indígenas alcançaram fazer seu plantio e todo o processo de agricultura dessa planta só exigia, por ano, cerca de cinquenta dias de trabalho.

Além de todos estes fatores que contribuíram para o papel protagônico do milho, seus grãos, para cada unidade, rendiam dezenas.

O milho é parte fundamental dos principais mitos que explicam fenômenos da natureza como vento, chuva, germinação das sementes.

A respeito do milho foram escritas inúmeras histórias, contos, lendas e poesias, e isso é realizado desde a ancestralidade indígena que vinha também acompanhado de cânticos (RIVAS, 2021).

História, religião, cultura e a identidade do milho estão entrelaçadas em uma harmonia que sustenta essa planta milenar que tem sido imprescindível no desenvolvimento das culturas mesoamericanas.

Introduzir-se no mundo da religião da Mesoamérica não é tarefa fácil. É preciso viajar a outras épocas, acercar-se de outra mentalidade e tentar compreender uma visão de mundo diferente da que estamos acostumados. Para estudar este tema contamos com importantes fontes de informação, porém, parte da documentação escrita que nos é disponível passou pelo filtro do olhar ocidental de seus autores. Além disso essa história também é transmitida através das imagens que eram plasmadas em diversos suportes como por exemplo: o papel, o barro, os muros pintados, em pedras, tecidos. (OLVERA, 2011, p. 186, tradução pessoal).

Os variados grupos mesoamericanos compartilham de uma mesma concepção da vida, resultado de seus mitos, seus deuses, crenças, rituais e conceitos acerca do ser humano. As divindades foram criadas frente a questões existenciais como de onde viemos, pra onde vamos e quem somos, e também de constantes dúvidas a respeito da natureza, da chuva, do

vento, reprodução da flora e da fauna, que, carecendo de conhecimentos científicos, atribuíam tudo isso a forças sobrenaturais.

A religião surge, então, como um recurso ideal para sanar no pensamento a impotência do homem diante da natureza.

Não é de se estranhar então que as primeiras divindades sejam precisamente objetos da natureza como rios, animais, árvores e plantas. Em diferentes modalidades todas as religiões dizem sobre a relação da terra com o céu, entre o homem e os deuses; todas buscam um meio de justificar a organização social de seu entorno e no Universo (NUÑEZ, 2011).

O fato de o milho tal qual conhecemos hoje não poder existir sem que o homem intervisse fez com que historicamente fosse desenvolvida uma relação - principalmente simbólica- entre seu cultivo e as comunidades indígena (RALLT, 2012).

O milho, *sentli, jank'a* o *avati* é um dos cultivos mais importantes na América Latina desde o ponto de vista cultural, social, econômico e alimentício. Por ser um cultivo sagrado, muitos povos americanos incorporam o milho em seus ritos e celebrações agrícolas, através dos quais fortalecem os laços de solidariedade e reciprocidade no interior das comunidades, reafirmam suas práticas agrícolas, criam biodiversidade e realizam o *Sumak Kawsay*. Muitos dos rituais agrários estão relacionados com a bênção das sementes, do plantio, para atrair as chuvas, com a finalidade de obter uma boa colheita. (RALLT, 2012, p.10, tradução pessoal).

As celebrações ligadas ao milho são inúmeras e seu calendário agro festivo está relacionado intimamente com o ciclo do milho entre a cosmovisão mesoamericana. Sendo assim, o milho está unido fatalmente às comunidades indígenas mesoamericanas.

Conforme Florescano (1999 *apud* RALLT 2012, p.14) a identificação da origem do milho com a origem dos cosmos, o nascimento dos seres humanos e o começo da vida civilizada, expressam a importância que estes povos atribuíram à domesticação desta planta.

“...o trabalho heroico dos agricultores que as conservam por seu valor cosmogônico e cultural” (RALLT, 2012, p.14).

Ocupando importante lugar na cultura mesoamericana, não se pode negar que a difusão do milho tenha sido o elo de união de grande parte dos povos indígenas da região. A maneira como os agricultores manejam seu cultivo reflete características próprias da estrutura social.

2.2 Simbologia do milho segundo algumas culturas mesoamericanas

A origem do deus do milho tem sido identificada como uma criação Olmeca, pois diversas investigações sugerem que as primeiras representações das raízes, das folhas, das

florescências, o grão e a semente, a espiga ou a envoltura verde desta divindade foi a do deus Olmeca do milho. Os olmecas floresceram entre 1.500 e 300 a.C. e desde esse tempo o deus do milho adquiriu três características que perdurariam na civilização mesoamericana: sua qualidade enquanto deus da fertilidade e criador do ordenamento dos cosmos e dos seres humanos; seu caráter de símbolo da criatividade humana e sua associação com o governante, quem desde então tomou para si as imagens e os atributos do deus (JORALEMÓN, 1971; FLORESCANO, 2003 *apud* NUÑEZ, 2013).

Os olmecas foram os primeiros a representarem os deuses mediante imagens com a que conceitualiza o milho, que representa uma *Árvore Cósmica*, rodeada de quatro grãos que simbolizam as quatro direções do mundo. Nessa civilização as representações do deus do milho são antropomorfos e incluem em seu corpo características vegetais ou zoomórficas.

Tanto nos campos de cultivo como nos templos e palácios e nos utensílios de barro do cotidiano proliferaram as representações do deus do milho com diversos significados que não necessariamente se contrapõem (NUÑEZ, 2013).

Segundo Abreu (1980 *apud* MAZÓN, 2012, p.6) a cosmologia Maya atribui a origem do homem americano a uma massa de milho amarelo e branco com que se conformaram os órgãos locomotores de criaturas dotadas de inteligência, as que constituíram a cúspide de um árduo processo de criação que antecedeu numerosas tentativas falhas.

Em *Memória do Fogo*, o escritor Eduardo Galeano apresenta um relato indígena pré-hispânico:

Os deuses fizeram de barro aos primeiros mayas-quichés. Pouco duraram. Eram moles, sem força; se desmoronaram antes de caminhar.
Logo testaram com madeira. Os bonecos de pau falaram e andaram, mas eram secos: não tinham sangue nem sustança, memória nem rumo. Não sabiam falar com os deuses, ou não encontravam nada para dizer.
Então os deuses fizeram de milho às mães e aos pais. Com milho amarelo e milho branco amassaram sua carne. As mulheres e os homens feitos de milho eram parecidos com os deuses. Seu olhar se alcançava o mundo inteiro.
Os deuses sopraram sobre eles e deixaram seus olhos nublados para sempre, porque não queriam que as pessoas vissem além do horizonte. (GALEANO, 1983, p.124).

Essa tradição vem revelar o habitante do novo mundo como o produtor de grãos de milho, já que desde remotos tempos os indígenas recorreram ao milho em suas diferentes preparações, como tortilha que acalma a fome e nutre, como o atole que acalma a sede, como pinole, misturado com outros ingredientes ou como simples elote cozido ou assado, mas sempre como admirável alimento para que o indivíduo sobreviva e se desenvolva (PAREDES-LÓPEZ *et al.*, 2000 *apud* LÓPEZ MAZÓN *et al.*, 2012, p.6).

Se tratando dos governantes da sociedade Maia segundo Grube (2011 *apud* LÓPEZ MAZÓN *et al.*, 2012, p.7) afirma que os ciclos de vida, morte e renascimento, do deus do milho foram considerados como o modelo paradigmático da vida de um *ajaw* (nome dado ao governante e senhor da sociedade Maia). Nenhum outro deus possuía uma associação tão forte com o poder real como aquele que representava a planta que constituiu o alimento mais importante de todo o continente americano. É por isso que na arte Maia, os reis são representados com o rosto imaculado do jovem deus do milho, mesmo que eles tivessem uma idade mais avançada.

Esses mitos relatam como o milho era importante ao afirmar que com sua massa se criou a o povo Maia, o que explica a existência de divindades vinculadas a ele. Para os Maia de hoje o milho segue sendo uma planta sagrada, um presente dos deuses e o enxergam com uma relação especial entre ele e as mulheres.

Seguindo pelo viés dessa forte relação entre milho e o sagrado, é evidente o papel fundamental que a mulher teve neste processo desde a seleção dos grãos nos primórdios. Podemos citar o caso das mulheres matlatzincas.

A dimensão simbólica é enorme no que diz respeito às práticas de cultivo e consumo do milho, razão para considerar a perspectiva das mulheres indígenas, porque além de ser partícipe ativo dos trabalhos agrícolas também são elas que transformam o milho em alimento (RUBIO *et al.*, 2014).

Para os matlatzincas o milho servia como referência cósmica e vinculava os três planos com os quatro cantos do Universo.

Conforme Rincón Rubio (2017, p.8)

A cosmovisão indígena matlatzinca tem uma estreita reação com os recursos naturais, particularmente com os alimentícios. Dentro de tais alimentos, destaca a presença do milho nativo, cujo processo produtivo se associa com um complexo jogo de proximidades e distâncias entre as terras, a água e a presença de sementes de boa qualidade. Tradução pessoal

O milho nativo foi fundamental para a dispersão dos grãos e sua grande diversidade; as mulheres foram ainda mais importantes dado que eram elas quem separavam as melhores sementes, sabiam ao lado de quais plantas poderiam ser plantadas e quais não, e principalmente, a relação simbólica que essas mulheres construíram durante todo o processo.

A autora continua:

A divinização feminina do milho, estabelece direções cosmológicas do tempo, espaço e regeneração, mediante o estabelecimento de ciclos e repetições, onde a alteridade é assumida mediante a experiência ritual. Essas práticas cumprem funções essenciais na organização das comunidades e na conformação do espaço e do território. Através da maturação do grão se estabelece o passo do tempo, as festas

agrícolas e a distribuição sazonal do trabalho. Este último relacionado a subsistência, a qual tem um significado mais amplo que o de manutenção, abarca um sentido de continuidade, no qual a mulher e o milho guardam um estreito vínculo. (RUBIO *et al.*, 2017, p.8., tradução pessoal).

Foram as mulheres quem, depois de um contínuo processo de experiências acumuladas sobre o uso e transformação das plantas úteis, de aprender onde encontrá-las e de experimentar como guardá-las, iniciaram os processos de domesticação.

O povo indígena mazateca, pertencente ao grupo dos Olmecas, que estão localizados no noroeste do estado de Oaxaca, também possuía fortes vínculos com tal planta.

Segundo Barabas (2003 *apud* VELÁSQUEZ, 2019, p.13) para os mazatecos que habitam a parte alta da *Sierra Madre* Oriental no estado de Oaxaca, tudo o que concerne a sua origem e desenvolvimento histórico está profundamente integrado à sua cosmovisão e refletido nas relações, nas contradições e no equilíbrio de forças nas quais dão ordem e sentido à vida.

A sua cultura está intimamente ligada ao seu território e suas atividades agrícolas e especificamente em relação à semeadura do milho a partir da milpa, baseadas na ideia de homem-milho-natureza como parte de seu desenvolvimento histórico, enfatizando o fato de que sem o milho não haveria mazatecos e sem os mazatecos para semear, não haveria milho (VELÁSQUEZ, 2019).

Mexicas e Maias, bem como outros povos da Mesoamérica, fizeram o cultivo da terra com ênfase no milho. Segundo historiadores, a vida desses povos girou em torno da milpa, pois nenhuma civilização dependeu tanto do milho quanto essas. Os pipiles, (que falavam o idioma Nahuátl) por exemplo, consideravam que existiam quatro colunas que sustentavam a filosofia indígena sobre as coisas que os rodeavam: a fruta do campo, que se convertia em sua carne e seu sangue; a terra, da qual extraem a fruta; a água, sem a qual nada pode crescer; e os astros, que são os que imperam sobre todas as coisas (RIVAS, 2020).

O homem deu ao milho um papel único e protagonista na maioria dos relatos míticos, pretendendo explicar adequadamente a perguntas fundamentais. As manifestações do deus mesoamericano em sua grande maioria relatam as diferentes fases de cultivo, desde a preparação do terreno, passando pela semeadura, o percurso da semente enquanto está dentro da terra, a maturação da planta até a colheita.

Nos códices encontramos a existência de um deus mesoamericano do milho de maneira constante. Suas características se encontram na cabeça e consistiam em elementos tais como representações de espigas, grãos e folhas de tal planta.

Durante muito séculos as técnicas de cultivo do milho sofreram transformações diante da constante evolução dos povos mesoamericanos, pois junto com ela adquiriam novas características socioculturais, econômicas e políticas. O árduo e complexo trabalho realizado pelos coletores iniciais e cultivadores para transformar seu entorno natural e modificar a planta do milho tem sido uma verdadeira façanha biológica e agrícola, foi compreendida e sacralizada na Mesoamérica na figura carismática do deus do milho (FLORESCANO, 2003 apud NUÑEZ, 2013).

O cultivo do milho é tão identitário que permite que cada região ou povoado o inclua como parte de sua própria existência, até o ponto de construir uma cosmovisão segundo suas crenças. As populações indígenas da Mesoamérica, especialmente mayas, mexicas, chibchas e quéchuas cultivavam o milho de forma intensiva, principalmente nos vales. Pelas evidências destacadas este produto constituiu a força dinâmica de seu desenvolvimento. Por isso, desde a origem de seu cultivo o milho tem sido utilizado na preparação de tortilhas, trabalho que através de milhares de anos se manteve quase inalterável. Finalmente, com o milho se criou cultura, identidade e, também, criou uma relação muito própria da região, tanto que tal cultura é conhecida como “A cultura do milho” (RIVAS, 2021).

Os ritos e simbolismos do milho para todos os grupos mesoamericanos são muito ricos culturalmente, são elementos que dão a grandeza não só ao povo mexicano mas também de outros povos da Mesoamérica. Através dele os diversos grupos sociais reiteram e reafirmam sua identidade e existência. Esses elementos permitem transmitir valores familiares e de trabalho. Em alguns rituais se constrói uma visão unitária entre o homem, trabalho, natureza e o sagrado.

Finalmente, em âmbito simbólico se conformou uma mitologia de grande riqueza, inumeráveis metáforas e representações, as quais deram origem a uma cosmovisão que chegaram a compartilhar todos os povos mesoamericanos e que mantem sua ressonância até os dias de hoje (CARRILLO TRUEBA, 2009).

3 ALGUNS POVOS QUE ANTECEDERAM OS MEXICAS

Ao tratarmos do povo mexica, uma das civilizações pré-colombianas mais conhecidas e estudadas, imediatamente nos vem à lembrança uma sociedade altamente organizada e minuciosamente hierarquizada, com influências que irradiavam em grande parte do território mexicano.

Mas nem sempre foi assim. Os mexicas chegaram ao Vale do México tardiamente, no século XIII, e foram por longo período de tempo considerados intrusos e sem terras; sua ascensão custaria para chegar (SOUSTELLE, 1987).

Para entender a sua trajetória desde Aztlán, a terra mítica que parece ser de onde vieram, até o México central, onde fixaram e se expandiram, é necessário olharmos para seus antepassados e suas origens.

Com a ajuda da arqueologia, os restos humanos mais antigos foram encontrados nessa região há mais de 9.000 a.C., próximo à Cidade do México. Durante séculos grupos de caçadores e coletores mantiveram o estilo de vida nômade, nas cavernas. Foi necessário três ou quatro mil anos para que o processo que resultaria na agricultura tivesse início, em torno de 5.000 a.C. (BETTEL, 1990, p.4, tradução pessoal).

Descobertas feitas em algumas covas no interior da serra de Tamaulipas e em Cozcatlán, Puebla, mostram como, pouco a pouco, os primeiros coletores iniciaram o cultivo da abóbora, do chile, do feijão e do milho (BETTEL, 1990).

Em seu livro intitulado “Armas, germes e aço”, o autor Jared Diamond reserva um capítulo para tratar dos grandes centros de domesticação das plantas, incluindo o milho; ele faz conexões entre Velho e Novo Mundos através dos centros de cultivo (DIAMOND, 2018).

Retirada deste livro, a tabela abaixo nos apresenta diversos sítios agrícolas, com culturas diferentes de animais e plantas, datados da primeira comprovação de domesticação. Com essa imagem podemos perceber que o milho na Mesoamérica, junto com o feijão e a abóbora, está presente desde muito tempo, o que corrobora as fontes históricas disponíveis de que a região mesoamericana seria o centro de origem de tal planta.

Tabela 1- Centro de cultivo e domesticação de plantas.

TABELA 5.1. Exemplos de espécies domesticadas em cada área

Área	Domesticados		Data comprovada da primeira domesticação
	Plantas	Animais	
<i>Origens independentes da domesticação</i>			
1. Sudoeste da Ásia	trigo, ervilha, azeitona	ovelha, cabra	8500 a.C.
2. China	arroz, milho miúdo	porco, bicho-da-seda	aproximadamente 7500 a.C.
3. Mesoamérica	milho, feijão, abóbora	peru	aproximadamente 3500 a.C.
4. Andes e Amazónia	batata, mandioca	lhama, porquinho-da-índia	aproximadamente 3500 a.C.
5. Leste dos Estados Unidos	sorgo, arroz africano	nenhum	2500 a.C.
? 6. Sael	girassol, quenopódio	galinha d'angola	aproximadamente 5000 a.C.
? 7. África ocidental tropical	inhame africano, palma	nenhum	aproximadamente 3000 a.C.
? 8. Etiópia	café, cereal africano	nenhum	?
? 9. Nova Guiné	cana-de-açúcar, banana	nenhum	7000 a.C.?
<i>Domesticação local após a chegada de colheitas "fundadoras"</i>			
10. Europa ocidental	papoula, aveia	nenhum	6000-3500 a.C.
11. Vale do Indo	gergelim, berinjela	gado zebu	7000 a.C.
12. Egito	sicômoro, chufa	burro, gato	6000 a.C.

Fonte: JARED, D. **Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas**. Trad. Silvia de Souza Costa; Cynthia Cortes; Paulo Soares. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018

Com o advento da agricultura despontando, começam a surgir gradativamente as aldeias e essas, dependendo da fertilidade do solo onde estão e também da proximidade ao mar e à rios, experimentaram um rápido crescimento. Com o passar do tempo essas aldeias foram apresentando diferenças notáveis entre si, no que diz respeito às questões étnicas e linguísticas; entre todos os grupos emergentes, um ganhou seu destaque (BETHELL, 1990).

Considerado os precursores das maiores civilizações da Mesoamérica, os Olmecas- localizados no litoral do golfo do México, nos atuais estados de Tabasco e Veracruz- podem ser considerados a ligação entre o período pré-clássico e o clássico, respectivamente o da aldeia e o da civilização. Este povo exerceu grande influência por uma vasta área do México; com suas estelas esculpidas, suas pirâmides, seu interesse pela jade, o baixo relevo e também a escrita hieroglífica, constituíam marcas que seriam essenciais à todas as altas civilizações do México (SOUSTELLE, 1987).

Esse povo foi um dos primeiros a construir grandes edifícios, incluso destinado à adoração de deuses. Também foi com eles que se inicia o costume arquitetônico das grandes praças para as cerimônias ao ar livre. Outra característica que seria intrínseca aos povos sucessores é o gosto pelas plumas e pedras preciosas como a jade (BETHELL, 1990).

Entrando na época clássica, quatro grandes centros culturais eram considerados os principais: os Maias, os Zapotecas, o território de El Tajín e Teotihuacán, e ainda que tivessem obstáculos importantes entre si como a longa distância e a imprevisibilidade da natureza, certamente tiveram contatos e relações; prova disso são algumas características arquitetônicas em comum, bem como objetos, ideias e ritos (SOUSTELLE, 1987).

Os mexicas herdaram as instituições culturais não só dos toltecas, como também dos teotihuacanos (LEÓN, 1985).

“Em decorrência de fenômenos econômicos e sociais ainda obscuros, as grandes cidades clássicas foram pouco a pouco sendo abandonadas entre os séculos IX e XI” (SOUSTELLE, 1987, p.11). Tradução pessoal

Vindos do Norte e falantes da língua nahuatl, os Toltecas em 856 d.C. fundaram sua cidade, Tula, e muito provavelmente passaram longo tempo ainda com o modo de vida nômade e caçador, aceitando a hegemonia sacerdotal de Teotihuacan (SOUSTELLE, 1987).

Um dos principais deuses da cultura teotihuacana – e por tanto de várias outras culturas remanescentes do México Central- era a Serpente Emplumada, de nome “Quetzalcoátl”, cuja língua era uma bem distinta do náhuatl e cuja religião não permitia sacrifícios humanos.

No século XVI essa divindade deu lugar a diferentes interpretações e seus significados simbólicos poderiam ser diferentes ou ressignificados (AUSTIN, 1990).

Assim como o povo Tolteca, vários outros grupos começaram a migrar com maior frequência para o Vale do México, o que faria com que eles levassem traços de sua cultura e religião e, conseqüentemente, adotassem às do lugar no qual se fixavam.

A sociedade Tolteca começou de fato seu desenvolvimento no século XI e se irradiou por vários territórios do México como Michoacán, Oaxaca e Yucatán; este último sendo muito importante pois possibilitou a sociedade Maia, praticamente esgotada, de se revigorar (SOUSTELLE, 1987).

Apesar da queda de sua principal cidade, Tula, manteve-se através das gerações a língua e os costumes desse povo. Os rumores de sua decadência impactaram o mundo ao seu redor e a notícia viajou de grupo em grupo até Aztlán, onde diversas tribos nômades iniciaram sua migração para o sul.

3.1 Aztlán e história do povo mexica

Ao estudarmos a história da sociedade mexicana sempre nos deparamos com uma lacuna a ser preenchida: seu lugar de origem, Aztlán.

Há décadas tentam explicar a terra lendária da qual teriam vindo o povo mexicano e duas vertentes a respeito de sua migração são propostas, a interpretação histórica e a interpretação mítica.

Enquanto a primeira trabalha com as narrativas sobre a travessia mexicana como, de fato, uma fonte histórica- na qual existem fatos ou não, sujeitos à análise- a segunda é uma explicação mítica, onde tentam entendê-la como textos míticos cheios de simbologia. Portanto, não tem o intuito de assegurar de que realmente aconteceu a migração do Norte até o Vale do México, mas sim pretendem aprofundar e decifrar os significados simbólicos dos personagens, dos lugares e acontecimentos relatados (NAVARRETE, 1999).

Localizado segundo a tradição nativa em um lugar à noroeste do atual país, que pode ter se situado tanto em um ponto entre o Texas e o México, como também próximo à Cidade do México.

Essas duas concepções não só são totalmente opostas em suas conclusões, como também realizam a leitura das fontes mexicanas de forma distinta.

Se a interpretação histórica fosse tomada como a correta, então os mexicanos estavam sempre buscando, durante sua travessia, lugares parecidos com Aztlán; os dois locais, portanto, estariam separados não só pelo tempo, mas principalmente pelo espaço. E, supondo que a explicação mítica tivesse vantagem, então México-Tenochtitlán e Aztlán seriam uma mesma coisa, separados apenas pelo tempo. Assim, inverte a relação entre ambas cidades, onde Aztlán é que teria que se parecer com México-Tenochtitlán para assim seguir o costume intrínseco nesse povo de legitimar a posse territorial do local (NAVARRETE, 1999).

As fontes contidas no Códice Botuniri segundo que, segundo o narrado pelo autor, o deus Huitzilopochtli ordena aos sacerdotes-adivinhos que os habitantes de Aztlán deixem sua terra para partirem em busca de uma nova, onde o sinal de que seria a terra correta era uma águia pousada sobre um cacto-nopal com um pássaro na boca (JOHANSSON, 2016).

Também conhecido como “Tira de la Peregrinación”, este códice é uma das principais fontes para conhecermos a história da migração mexicana, onde podemos encontrar registros de eventos relatados através de datas, lugares e pictogramas. Segundo se sabe, a travessia durou aproximadamente cento e noventa anos.³

³ <https://mediateca.inah.gob.mx/repositorio/islandora/object/codice%3A605>

Sendo assim, o povo mexica desde que eram nômades em Aztlán, até sua chegada e desenvolvimento no Vale do México, provavelmente permaneceu séculos sem ter conhecimentos das civilizações do Planalto central e vice-versa.

Não se deve pensar sua peregrinação como algo contínuo, uma vez que sempre que encontravam uma região propícia para se instalarem o faziam e ali permaneciam por algum tempo, “ora guerreando, ora entrando em contato com as populações civilizadas, rapidamente assimilam (...) técnicas sobretudo referentes à agricultura do milho, como também costumes e rituais” (SOUSTELLE, 1987, p.14).

Por sua rápida capacidade de adaptação, esse povo deu um salto no que diz respeito aos aspectos culturais; ao se aproximarem do Vale do México, as tribos que chegavam adotaram elementos como a língua e técnicas de agricultura e conseqüentemente sedentarismo. No final do século XIII os chichimecas (nômades vindos de Aztlán) já haviam abandonado o modo de vida das cavernas para começarem a construir vilas que viriam a ser imponentes cidades.

O cotidiano desses vários povos e culturas mescladas eram bem turbulento uma vez que estavam sempre fazendo a manutenção de alianças e guerreando para alcançar a hegemonia de seu próprio grupo.

O primeiro importante governador que daria início a nobreza mexica era descendentes dos toltecas, os povos desse período sabiam que tudo que era ligado a grande era de ouro, em Tula, trazia prestígio e era associado a poder (BETHELL, 1990).

Até que se tornassem a grande e influente civilização mexica tal como conhecemos, essa sociedade teve que passar por diversos percalços.

Como qualquer grupo que deseja submeter a outros e ter seu próprio governante, os mexicas entraram em conflito com as soberanias vizinhas e, como consequência, foram expulsos e exilados em Tizapán, para depois terminarem se fixando em uma zona pantanosa a oeste do grande lago. Este lugar seria onde o grupo deveria se instalar, segundo a tradição, quando o deus Huitzilopochtli fez uma revelação ao sacerdote e lhe contou sobre a águia por cima de um cacto-nopal (SOUSTELLE, 1987).

Quando se instalaram no Vale do México, a organização do grupo era igualitária e guerreira, onde os únicos que o povo respeitava eram os sacerdotes, que por sua vez também eram guerreiros. Este grupo que a princípio era homogêneo, logo se transformaria em uma sociedade rigidamente hierarquizada e bem organizada, cada qual com sua função.

No século XX estudiosos que revisaram algumas fontes indígenas a respeito das relações sociais, concluíram que os *macehualtin* (homens do povo) se agrupavam nos *capulli*

de acordo com grau de parentesco e que o lugar que ocupava era tão exorbitantemente distinto do da classe governante (*pipiltin*) que se deve reconhecer a existência de classes sociais; além disso, o fato de possuírem um estado onde a palavra dos que governam prevalece e é reconhecida, faz com que houvesse também uma minuciosa organização política (BETHELL, 1990).

A sociedade mexicana era dividida principalmente entre os escravos, os cidadãos comuns, os pequenos artesãos, os grandes comerciantes, os sacerdotes e os dignitários.

Começando pela estratificação mais baixa estavam os escravos, que poderiam o ser por dívidas, prisioneiros de guerra, para servir de oferenda em sacrifício aos deuses, etc. Embora pertencessem a um senhor, o escravo neste contexto não se assemelha aos exemplos habituais nos quais estamos acostumados como no caso da antiguidade clássica greco-romana e também o de africanos escravizados.

Ele era tratado como qualquer homem do povo: lhes davam de comer, de vestir e um lugar digno para viverem, além das possibilidades de libertação que eram inúmeras. Os mexicanos tiveram, inclusive, um deus que protegia os escravos: Tezcatlipoca, o Espelho Fumegante, que era um deus onipresente e onipotente, o deus do céu noturno e da memória que os acompanhava desde Aztlán, e que castigava quem os maltratasse (SOUSTELLE, 1987).

Se tratando do cidadão comum nesta sociedade, sua tarefa primordial era servir como soldado em guerras e para afins militares, e também prestar o trabalho coletivo os quais eram subordinados para o “Estado”. Os chamados na língua nahuátl de *macehuátl*, poderia ascender através da carreira militar e também religiosa- esta última estendida até as mulheres.

Além disso, os cidadãos comuns também poderiam exercer atividades administrativas como escribas e também outras como a pesca, a caça, a carpintaria, tecelagem, etc (SOUSTELLE, 1987).

Os ourives, joalheiros, os que praticavam a cinzelagem e o mosaico de plumas e os demais artesãos costumavam passar seus saberes de geração em geração e assim manter a feitura na família. Eles possuíam seus próprios bairros e seus próprios deuses e ritos de acordo com a atividade que trabalhavam.

Acima dos artesãos estavam os grandes comerciantes, aqueles que detinham a fortuna e o luxo, comercializando produtos valiosos do estrangeiro.

“[...] a mercadoria deles, então, eram plumas de papagaio, umas coloridas que se chamavam *quetzalli* (...) e as pedras turquesas (...) e também mantas de algodão.” (SAHAGUN, 1989, p. 489). Tradução pessoal

Sua posição social, embora claramente ascendente, ainda estava entre o povo e classe dirigente.

As duas últimas classes sociais eram as mais importantes, dado que ambas dirigiam a sociedade.

Os dignitários, título que recebiam por suas altas funções militares ou civis, eram isentos de impostos, recebiam do governo vastos territórios de terras e, segundo seu escalão era beneficiado com tributos em forma de joias, vestimentas e plumas.

Peça importante do mundo mexica, os sacerdotes também tinham sua própria hierarquia e, embora a sociedade fosse repleta de religião, não era uma teocracia. Ainda é nebuloso o processo de designação dos sacerdotes. Eles tinham, como os dignitários, representação no grande conselho e no colégio eleitoral que designava o chefe máximo da sociedade (SOUSTELLE, 1987).

No mais alto cume estava o “imperador” e abaixo dele o “vice-imperador”, onde o segundo tinha quase o mesmo poder que o primeiro.

Como todos os povos nativos que praticaram a agricultura no México, os Astecas, ao se tornarem sedentários, alimentavam-se essencialmente de milho (em cozidos, bolos, ou pequenos pãezinhos a vapor, os *tamalli*).

Os tamales, prato culinário de origem mexica e um dos mais consumidos ainda hoje no México, parecidos com a nossa pamonha, eram feitos à base de massa de milho que eram cozidos a vapor ou fervidos. Em todas as inúmeras cerimônias que o povo mexica realizava, os tamales eram diferentes e especiais para cada ocasião, além de serem consumidos também no dia a dia daquele povo (MELGAREJO, 2006).

Considerado pelos mexicas como um dos produtos mais valiosos proporcionados pela terra, sabemos que o milho faz parte da cosmovisão desse povo repleta de associações de aspectos da vida cotidiana com elementos culturais, alimentícios e religiosos.

Os mexica associavam cada tipo de milho à um deus, sendo o principal Centéotl que possuía seu lado feminino: Chicomecoátl (milho maduro) e Xilonen (milho jovem).

As etapas do milho eram de tamanha importância que esse povo as associava com as etapas da própria vida.

Eles dedicavam três meses do ano para o culto do milho, ainda que nos outros meses do ano ele também tivesse papel fundamental. O povo mexica usava as cerimônias que envolviam o milho para a colheita e também para o nascimento de pessoas (RALLT, 2012).

Como se sabe, do milho surge uma série de comidas que permitiram alimentar aos povos que o cultivaram. Por exemplo, as tortilhas recheadas da época pré-hispânica estavam ‘desenhadas’ para servirem como alimento de viagem. Um uso similar ao das atuais pupusas. A primeira descrição das tortilhas é dos primeiros anos da conquista espanhola, no século XVI, mas não se refere a nenhum nome em particular.

Outros derivados do milho naqueles tempos eram o atole e o chilate, que formaram parte da gastronomia dos indígenas, mas que sofreram alterações com a chegada dos espanhóis. (RIVAS, 2021, p.46, tradução pessoal).

Além da alimentação, o milho também foi eternizado como pinturas em barro, esculturas em barro, muros pintados e até pedras.

Esta planta servia de inspiração para as mais diversas artes, muitas delas que sobreviveram através da arqueologia até nossos dias; como o milho estava presente em todos os aspectos do cotidiano é de se esperar que ele seja representado nas mais diversas formas.

Outro exemplo fundamental da incorporação do milho pelo povo mexica é a relação da guerra e de seus atores com sua regeneração. “Aprofunda a relação que, de acordo com os mexicas, existia entre a agricultura e a guerra” (OLVERA, 2011, p.187).

O principal ato dessa celebração consistia no esfolamento dos guerreiros mais notáveis e coincidia com os processos da época de chuva, semeadura e desenvolvimento do milho. Sendo assim, fica nítida a relação entre o milho e os guerreiros, já que ambos eram esfolados, desmembrados e depois comidos (OLVERA, 2011).

Frei Bernardino de Sahagún, um monge franciscano que chegou no México no século XVI, compilou em sua grande obra “Historia General de las cosas de Nueva España”, muitos relatos e reflexões onde notamos claramente a presença do milho em todos os âmbitos naquela sociedade.

Ele ainda escreve em sua obra que em oferenda a um dos deuses mexicas, eles semeavam um tipo de milho tostado, no qual os espanhóis desconheciam e que seria nossa pipoca.

O milho permitiu que as sociedades pré-hispânicas avançassem de forma incrível, dado suas técnicas de preparo, como por exemplo a nixtamalização, que se trata de um processo que os povos pré-colombianos inventaram para que o milho ficasse mais digerível e nutritivo; consiste em ferver os grãos do milho com um pouco de cal. (TORRES, 2007).

Os artefatos usados na antiguidade para a preparação do milho ainda se vê presente em diversas famílias campesinas no México.

As tradições e a religiosidade do homem pré-colombiano em relação com sua terra, seus deuses, seu milho, continuam vigentes, ainda que tenham incorporado novas

crenças. O sincretismo não eliminou a cultura desses indígenas, mas sim, fez com que ela sobrevivesse até os tempos atuais.

3.2 Ancestralidade do milho e suas permanências como patrimônio

Depois da enorme distribuição do milho dentro da própria Mesoamérica, com a chegada dos espanhóis ele foi dispersado no resto do mundo.

As viagens para a dispersão do milho levam centenas e até milhares de anos, até que um grupo leve a outro e comecem a naturalizar seu cultivo. Depois de ser levado do Velho ao Novo Mundo, só se torna verdadeiramente conhecido e utilizado em maior escala a partir do século XVIII. (BRAUDEL, 2005).

No México, onde acredita-se ser o berço do milho, fez com que este agregasse nos saberes e fazeres, tornando-se patrimônio cultural, resultado de milhares de anos presente no cotidiano.

Patrimônio cultural⁴ são todos aqueles bens materiais e também imateriais, como manifestações populares, que possuem valor identitário e histórico para um certo grupo de pessoas e que envolve saberes e práticas que são perpassados através das gerações.

O patrimônio imaterial é a soma de fazeres que se tornam identitários pela cultura, isso inclui celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais e até mesmo lugares como feiras de artesanatos e mercados populares.

Segundo afirma (KATO *et al.*, 2010) não reconhecer e proteger sua importância tanto alimentícia como cosmogônica seria trair toda a ancestralidade bem como se mostrar totalmente irresponsável com as próximas gerações.

De acordo com uma análise feita pela Comissão de Agricultura e Pecuária, no que concerne a alguns dos requisitos para que o milho pudesse entrar na lista de possíveis candidatos a Patrimônio da Humanidade, fica claro que ele cumpre todos os requisitos. Alguns dos exemplos são: estar diretamente relacionado com tradições e crenças, ser exemplos de processos ecológicos e biológicos, ser testemunha de uma cultura ou civilização existente ou já desaparecida. (KATO *et al.*, 2010).

Em 2010, a culinária mexicana abarcou consigo o milho e diversas receitas que incluem prática agrícolas e técnicas milenares, como a nixtamalização ao ser incluída como Patrimônio Cultural.⁵

⁴ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>

Não só o fato de ser o sustento, mas a riqueza simbólica do milho, desde seu plantio até seu consumo, os ritos e mitos relacionados, as relações sociais ao redor da alimentação até nos dias de hoje faz com que não se possa contar a história do país sem mencioná-lo.

Hoje, milhões de camponeses ainda preservam não só a diversidade como as técnicas milenares de preparo. (VARGAS, 2013).

Não é por acaso que no México a cultura é conhecida como “A cultura do milho”.

Segundo Neurath (2009 *apud* NUÑEZ, 2013) o milho não é simplesmente um alimento, o humano criou uma relação especial com tal planta. Sendo assim, com as constantes mudanças climáticas somada às técnicas industriais de mutação genética do milho faz com que perca não só sua diversidade, mas a simbologia que o envolve ao não mais reproduzir as etapas ancestrais de preparação.

O milho proporciona a base fundamental para pratos regionais, estacionais e que carrega consigo as tradições cerimoniais que perigam serem extintas se não voltamos a requerida preocupação que o tema demanda.

“Romper os vínculos estabelecidos com as entidades sobrenaturais e os sistemas normativos da cultura pode gerar uma série de consequências não só na produção do milho, como também da saúde e entre a comunidade.” (BRODA, 2013).

Assim como foram as mulheres que, com seus saberes e experimentos, alcançaram domesticar o milho, ainda hoje em comunidades são as mesmas que tem papel fundamental para a preservação de técnicas e diversidade. (RUBIO, 2017).

É perceptível que o milho está intimamente relacionado com a identidade nativa e ancestral.

Uma vez que se deu o contato entre Velho e Novo mundo, Colombo levou as primeiras sementes de milho à Espanha, tal como os portugueses o levaram para a África e China. (VARGAS, 2013).

No Velho mundo, o milho foi recebido como um produto novo e exótico, cuja origem era desconhecida, e por isso eles atribuíram a planta como nativa da Turquia. Provavelmente, sustentado por fontes históricas, o milho só chegou ao Velho mundo após as viagens de Colombo. As vias, uma que contornavam a África e a outra que passava pelo

⁵ <https://www.gob.mx/sectur/prensa/celebra-la-gastronomia-mexicana-diez-anos-de-ser-patrimonio-inmaterial-de-la-humanidad-257259?idiom=es>

México, garantiram uma intensa troca com a Ásia e facilitava a difusão de muitos produtos, principalmente o milho. (VARGAS, 2013).

Não cabe dúvidas de que a cultura de cada povo desempenha papel importante na adaptação dos humanos ao seu redor. Prova disso é que por mais que o milho tenha se dispersado ao redor de todo o mundo, as técnicas culinárias e também de preparo varia de acordo com o ambiente; exemplo disso é a nixtamalização que se restringiu à Mesoamérica.

Em todo caso, no século XV, quando se formaram as civilizações asteca e inca, já há muito o milho estava presente no espaço americano, associado à mandioca, no leste da América do Sul; ou sozinho e submetido ao regime de sequeiro; ou sozinho nos terraços irrigados do Peru e nas margens dos lagos mexicanos. (BRAUDEL, 2005, p.140)

Conhecidos por diferentes nomes e distintas funções conforme o lugar, o milho foi levado não só a América Latina, mas também a Ásia, África e Europa.

A maneira que a população de hoje encontra para se unir com essas raízes do passo é justamente na alimentação e em suas festas. Estas, mescladas com outras culturas, formam todo o imaginário nacional com suas raízes em tempos remotos. (MEJÍA, 2014)

Possuindo no México um valor econômico, social e cultural, os produtos à base de milho seguem fazendo parte da dieta dentro dos lares mexicanos, sejam eles abastados ou carentes. Apesar de todo o processo de industrialização da alimentação, a população mexicana resiste e mantém as tradições culturais referentes ao cultivo e preparo das comidas feitas à base do milho. O reconhecimento mundial da importância dessas tradições como patrimônio da humanidade revela o quão relevante é este ingrediente na história inicialmente das Américas e depois para várias outras populações do mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho percorremos parte da trajetória da história alimentícia, social e cultural do milho na Mesoamérica.

Desde as pesquisas a respeito de sua origem como uma planta selvagem e suas relações com o teosinto, até o processo que levou a domesticação e diversificação, o milho esteve presente todo o tempo nos saberes e fazeres do cotidiano. Intrínseco nos ritos, na religião e na culinária é fato que este grão fez história junto aos grupos que sempre o levou consigo. Sua ancestralidade perpassa a história desses povos que o inseriram em sua vida como um elemento fundamental para a manutenção da existência.

Conclui-se que o milho foi fundamental para a construção da identidade dos povos mesoamericanos e que ainda reverbera em vários aspectos socioculturais do México. As permanências dessa planta tão antiga é um fato na sociedade de hoje, tanto que foi reconhecida como Patrimônio Cultural do país e reconhecida pela UNESCO.

Este trabalho não é, de forma alguma, uma conclusão pronta, mas sim um impulso como tantos outros existentes para dar continuidade à essa discussão que diz respeito diretamente à cultura identitária de um povo através de um alimento.

O milho está presente na gastronomia, em cânticos, em hinos, em poemas, em orações, na literatura e, tem se transformado biológica e culturalmente de geração a geração há séculos.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Rosa. El cultivo del maíz, su origen y clasificación. El maíz en Cuba. **Cultivos tropicales**, [s.l.], v. 30, n. 2, p. 00-00, 2009. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0258-59362009000200016. Acesso em: 07 out. 2021.

AUSTIN, Alfredo López. Del origen de los mexicas:¿ nomadismo o migración?. **Historia mexicana**, [s.l.], v. 39, n. 3, p. 663-675, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25138309>. Acesso em: 07 out. 2021.

BARRERA VÁSQUEZ; Alfredo; RENDÓN, Silvia. *El libro de los libros de Chilam Balam*. México: Fondo de Cultura Económica, 1948 (Lecturas Mexicanas nº 31).

BETHELL, L. **História da América Latina Vol 1: “America Latina Colonial”** Tradução de Antonio Acosta. São Paulo, EDUSP, 1997.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRODA, Johanna. Ritos y deidades del ciclo agrícola. **Arqueología mexicana**, [s.l.], v. 19, n. 120, p. 54-61, 2013. Acesso em: 7 abr. 2021.

CARRILLO TRUEBA, César. **El origen del maíz. Naturaleza y cultura en Mesoamérica**. Ciencias, [s.l.], v. 92, n. 092, 2009. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/644/64412119003.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

COLÍN, Salvador Miranda. Mejoramiento genético del maíz en la época prehispánica. **Agricultura técnica en México**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 3-15, 2000. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/608/60826101.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2021.

CONTRERAS, Tonatiuh Romero; DÍAZ, Luis González; REYES, Gabriel Reyes. Geografía e historia cultural del maíz palomero toluqueño (*Zea mays everta*). **CIENCIA ergo-sum, Revista Científica Multidisciplinaria de Prospectiva**, [s.l.], v. 13, n. 1, p. 47-56, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/104/10413106.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

CUEVAS MEJÍA, José de Jesús et al. **Maíz: Alimento fundamental en las tradiciones y costumbres mexicanas**. 2014. Disponível em: http://www.pasosonline.org/Publicados/12214/PS0214_12.pdf. Acesso em 18 out. 2021.

DELUMEAU, J. **De religião e de homens**. Trad. Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo: Loyola, 2000.

FERNÁNDEZ SUÁREZ, Rocío; MORALES CHÁVEZ, Luis A.; GÁLVEZ MARISCAL, Amanda. Importancia de los maíces nativos de México en la dieta nacional: Una revisión indispensable. **Revista fitotecnia mexicana**, [s.l.], v. 36, p. 275-283, 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-73802013000500004. Acesso em 18 out. 2021.

GALEANO, Eduardo; NEPOMUCENO, Eric. **Memoria do fogo**. Os nascimentos. Paz e Terra, 1983.

HERNÁNDEZ, José Antonio Serratos. **El origen y la diversidad del maíz en el continente americano**. Obtenido de Greenpeace: <http://www.greenpeace.org/mexico/global/mexico/report/2009/3/el-origen-yla-diversidad-del.pdf>, 2009. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/54325384/Serratos_2009_Diversidad_Maiz.-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1636554257&Signature=JB-L71Fk6LroE3hM0TX42oX0Fhkpyibby8~Fj96p4no9TVbK40ecQZbOCOoOdcO8Qfro6MKFXknJEIMa15JsM~WE7V0M3Qw0CdEePcn9pEEIfmlUoMQ1KJmI48skRntnvs3dlSv6X00-6Swo0e74KCwlddrS-KXGHRzS4~THrc1Z2-Ze~8VyZUrf3Hua3bLm8f8ErsidFWbZ-agkMZatmId9wE~SmJoZqj2nyUUMyQZKvt0zj8odgjUUXVHBX2NLPxUgupOYjfkNGqCb-rBDvmheQ4Q55naEV8saxNFxgnMe1iiiw9gkT~H1DwZGP71xKLFyxb2h~IxZNefYAWeWYw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em 07 ago. 2021.

JARED, D. **Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas**. Trad. Silvia de Souza Costa; Cynthia Cortes; Paulo Soares. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

KATO, Takeo Angel *et al.* **Origen y diversificación del maíz: una revisión analítica**. México: Universidad Nacional Autónoma de, 2009.

JOHANSSON, Patrick. Análisis estructural del ideograma gentilicio de los aztecas en el 'Códice Boturini'. **Estudios Mesoamericanos**, n. 2, p. 64-74, 2016.

KATZ, Esther. **Alimentação indígena na América Latina: comida invisível, comida de pobres ou patrimônio culinário?**. Espaço Ameríndio, [s.l.], v. 3, n. 1, p. 25, 2009.

LEMONS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

LEÓN PORTILLA, Miguel. Visión de los vencidos. 2003. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/54939047/Leon_Portilla_Miguel_-_La_Vision_de_los_Vencidos-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1636554197&Signature=RPARPm0gNivxnryV5YjJHGE-YX2INv1PiSrl5GW~9pFsVu-clpbdHYCaCYX4oaJvgXIL~AmSTcPt5viQ-1iHmIVLo0q0iAZd~IqNdmrLpCcsM4-TpzkviRd51WkdBnQTJOrUaoFNcKZwP-ptwWXGt4B2j2tyXwYQAqtfnbWLAZ5GFGUTFmWDXJAKfbumnLRTC5wBXnF04qzhR-dGt3HBLBLIrU49iDb7IAIMb5B0ZEqICDa-fmNeO9UbEeG6Ej49yvhrRzFLK6rBx6QsAsNuj4Quu-bGRH~ib293YUp0vImWMO9FHhpeCozPKg4wS8Yg4R-nsJVXbAlhhmldEuiIA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 07 ago. 2021.

MAZÓN, Sylvia Lorenia López; NAVARRETE, Gilberto García; GUTIÉRREZ, Brenda Natalia Ibarra. El maíz (*Zea mays* L.) y la cultura Maya. **BIOTecnia**, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 3-8, 2012. Disponível em: <https://biotecnia.unison.mx/index.php/biotecnia/article/view/123>. Acesso em: 07 ago. 2021.

MELGAREJO, Martha. **El maíz: su importancia histórica en la cultura americana.** Serie de Informes Especiales de ILSI Argentina: Maíz y Nutrición, 2006. Disponível em: <http://www.maizar.org.ar/documentos/ilsis%20maizar.pdf#page=22>. Acesso em: 07 ago. 2021.

NAVARRETE, Federico *et al.*. Las fuentes indígenas más allá de la dicotomía entre historia y mito. **Estudios de cultura náhuatl**, [s.l.], v. 30, p. 231-256, 1999.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra. **O que é patrimônio cultural imaterial.** São Paulo: Brasiliense, 2017.

RINCÓN RUBIO, Ana Gabriela et al. **Prácticas espirituales, ecofeminismo y maíz nativo. El caso de las mujeres matlatzincas.** 2017. Disponível em: <http://ri.uaemex.mx/handle/20.500.11799/70678>. Acesso em: 14 ago. 2021.

RIVAS, Ramón D. El maíz, fuente de cultura mesoamericana. **Revista de museología KOOT**, [s.l.], n. 12, p. 44-53, 2021. Disponível em: <http://biblioteca.utec.edu.sv:8080/xmlui/handle/11298/1193>. Acesso em: 15 maio. 2021.

SILVA, Elsa Peralta. Patrimônio e identidade. Os desafios do turismo cultural. **Antropológicas**, [s.l.], n. 4, p. 217-224, 2000.

SOUSTELLE, J. **A civilização asteca.** Trad. Maria Júlia Goldwasser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

TORRES, Yolotl González. Notas sobre el maíz entre los indígenas mesoamericanos antiguos y modernos. **Dimensión antropológica**, [s.l.], p. 45-80, 2007. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Dimensionantropologica/2007/vol141/2.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2021.

VALLS I GARCÍA, Marina. **Vida y Sacrificio: Los nueve rituales para la luz la vida y el maíz.** 2020. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/actas2019/2/>. Acesso em 15 fev. 2021.

VARGAS, Luis Alberto. El maíz, viajero sin equipaje. **Anales de antropología**. [s.l.], p. 123-137, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0185122514704928>. Acesso em: 24 jun. 2021.

VELÁSQUEZ, Enrique Martínez. Comida ritual y cultura del maíz en la Sierra mazateca de Oaxaca. **Mirada Antropológica**, [s.l.], v. 14, n. 17, p. 11-22, 2019. Disponível em: <http://rd.buap.mx/ojs-dm/index.php/mirant/article/view/300>. Acesso em 24 jun. 2021.